

# MANCALA: O JOGO COMO ESTRATÉGIA DE TRABALHO COM A CULTURA

Veronica Volski

Carla Luciane Blum Vestena

**Resumo:** O presente trabalho objetiva apresentar o jogo Mancala como estratégia de trabalho com a cultura na escola. Baseando-se na lei 10.639/2003, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e Diretrizes Curriculares Nacionais, o jogo pode ser um elemento para o redescobrimto da história e cultura africana e afro-brasileira. O estudo envolveu crianças do Ensino Fundamental de uma escola onde estudam meninos e meninas de uma Comunidade Quilombola. Percebeu-se que as crianças possuíam conhecimento limitado sobre a temática e que o jogo pode ser uma ferramenta para o trato com a cultura e a diversidade na escola.

**Palavras-chave:** Jogo; Cultura africana e afro-brasileira; Mancala.

## Introdução

O jogo é uma atividade livre, exercida em limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas e absolutamente obrigatórias, com sentimentos de tensão e diferente da vida cotidiana. O jogo ultrapassa os limites físicos e biológicos, estando presente em tudo o que acontece no mundo (HUIZINGA, 2010).

Além disso, o jogo acompanha e marca a cultura, desde as origens da civilização até o momento que nos encontramos. Assim, jogo é fenômeno cultural, um elemento da cultura, presente nos seus diversos segmentos, como na poesia, música, dança, no saber, na filosofia e até na guerra (HUIZINGA, 2010).

Jogar é uma forma de produzir, reproduzir e manifestar a cultura. Revela-se nas variadas dimensões, como nas brincadeiras, esportes, lutas, danças, artes, festas ou mesmo em um bate papo com amigos. A partir das experiências que o jogo nos traz, podemos criar e ampliar novas formas de ver a cultura.

A cultura nasce no jogo, influenciada pelos sujeitos (e suas relações) e o momento da história que em acontece. Em tudo isso interfere, ainda, a maneira com que os indivíduos organizam as regras deste jogo, com que mantém a tradição de sua prática e os valores nele contidos.

Dentro do universo cultural, o jogo possui influências do tempo e do espaço, da maneira como os jogadores pensam e analisam o jogo, bem como as regras por eles estabelecidas. Um mesmo jogo pode ser jogado por um grupo pertencente a uma mesma cultura durante várias e várias gerações, sofrendo interferências do tempo, do espaço, das relações entre o jogador e o jogo (ou entre jogadores) e da forma com que as regras vão sendo estabelecidas.

No caso dos jogos africanos, Maranhão (2009) explica que, da mesma forma que a religião e outros saberes, os jogos sempre estiveram presentes na vida social destes povos, transmitido e praticado pelos indivíduos em suas comunidades.

Dentre as práticas lúdicas da cultura africana destacam-se diversos jogos de tabuleiro, comuns no cotidiano das comunidades como a Mancala, o Bao, o BangaChal, o Yoté, além das rodas e folguedos (RAMOS, 2011). São exemplos de jogos que utilizam a imaginação e jogos dotados de regras e normas.

Seus folguedos e seus jogos, muito mais do que “meros objetos lúdicos”, representavam sua prática social, as complexas relações potencializadas pelo lúdico em espaços de fronteiras étnicas e culturais (RAMOS, 2011). Jogo africano e cultura africana possuem aspectos recíprocos, integrados e interdependentes. O jogo marca a vida do povo africano, sua relação com a natureza e o meio em que vivem. Contam sua história, suas relações, seus medos e anseios.

Diversas pesquisas tem apresentado o fenômeno jogo na perspectiva da cultura africana e afro-brasileira (BENTO, 2012; RAMOS, 2011; MARANHÃO, 2009). A maioria aponta para a importância do estudo desses jogos, da utilização destes na escola como meio de trabalhar a cultura afrodescendente, valorizando suas práticas e seus jogos.

As Leis 10.639/2003 e 11.645/08, que alteram a Lei 9394/1996, tornam obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na

Educação Básica (BRASIL, 2004). A cultura afrodescendente é rica de significados e possibilidades, em suas diversas manifestações. E o jogo pode ser uma excelente estratégia para a mediação do conhecimento sobre esse tema.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, as brincadeiras, as danças, as músicas e os jogos tradicionais de cada comunidade e das diferentes culturas precisam ser considerados componentes curriculares ou instrumentos pedagógicos importantes no tratamento das "questões culturais" (BRASIL, 2013, p. 386).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) o jogo é considerado um dos conteúdos da disciplina de Educação Física. Com relação ao jogo e seu papel cultural afirmam que:

As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte (BRASIL, 1997c, p. 24).

A Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) também traz o jogo como conteúdo estruturante nas aulas de Educação Física. As Diretrizes Curriculares Estaduais afirmam ser interessante “reconhecer as formas particulares que os jogos e as brincadeiras tomam em distintos contextos históricos, de modo que cabe à escola valorizar pedagogicamente as culturas locais e regionais que identificam determinada sociedade” (PARANÁ, 2008, p. 65).

Sendo assim, o presente trabalho aponta para a seguinte problemática: de que forma o jogo pode ser uma estratégia de trabalho com a cultura? De que forma o jogo pode contribuir para o redescobrimto da cultura africana e afro-brasileira no ambiente escolar?

Será analisado o jogo Mancala, família de jogos variados e numerosos, conhecido como “jogo nacional da África”. Tem sua origem provável no Egito, com cerca de sete mil anos de idade. Para os antepassados o jogo possui caráter místico e religioso. Os tabuleiros podem ser feitos de diversos materiais (até a partir de buracos na areia). Acredita-se que o jogo foi trazido para as

Américas através dos escravos africanos, de diferentes regiões da África (CIVITA, 1978).

A análise da intervenção deste jogo é parte de um estudo que objetiva investigar o conhecimento da cultura africana e afro-brasileira por parte de crianças quilombolas com o uso de jogos africanos e afro-brasileiros. As hipóteses são a de que as crianças desconhecem o jogo Mancala (mesmo as da comunidade quilombola) e de que os jogos são estratégias de aquisição de conhecimento sobre a cultura.

## **Materiais e métodos**

Esta pesquisa se caracteriza como exploratória transversal, de cunho qualitativo. Optou-se pela utilização da proposta metodológica denominada método clínico, proposta por Jean Piaget. Segundo Delval (2002) este método é utilizado para o estudo do pensamento da criança através de entrevistas ou de situações abertas. Durante a coleta procura-se acompanhar o pensamento do sujeito, podendo realizar novas perguntas/ações, tentando compreender de que forma esta representa ou organiza seus pensamentos e ações.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal do interior do estado do Paraná onde também estudam alunos de uma comunidade quilombola. A atividade foi realizada com vinte e cinco alunos, com idade nove a onze anos, quinto ano do Ensino Fundamental. No dia da aplicação do jogo havia três alunos da comunidade quilombola.

Secretaria Municipal de Educação, direção da escola, pais e alunos assinaram um termo concordando com a realização da pesquisa. A pesquisa contou com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, sob parecer Nº 655.567/2014-COMEP/UNICENTRO.

Todas as informações foram registradas por câmera filmadora e fotográfica (e os alunos foram avisados disto). Após a coleta das informações, ou seja, a prática dos jogos com as crianças da escola iniciou-se o processo de análise dos dados obtidos, com a verificação das filmagens e das observações dos pesquisadores.

## **Resultados e discussões**

Serão apresentados os resultados de um projeto de intervenção com jogos africanos e afro-brasileiros em uma escola onde estudam alunos de uma comunidade quilombola. Nas primeiras etapas do projeto foram aplicados jogos que tinham por objetivo realizar uma sondagem do conhecimento que os alunos possuíam sobre a África e suas manifestações culturais. A partir da análise das intervenções percebeu-se que as crianças desconhecem (ou pouco conhecem) as práticas e jogos da cultura africana.

Em um segundo momento, realizou-se a prática do jogo Mancala, um dos mais conhecidos da cultura africana. A Mancala é jogada em duplas, com um tabuleiro composto de doze cavas (buracos), sendo seis para cada jogador, e quarenta e oito peças (sementes ou pequenas bolinhas), distribuídas quatro em cada cava. As seis cavas mais próximas são as de cada jogador. Ao lado direito do tabuleiro de cada jogador existe um recipiente - denominado *calá* - onde são depositadas as peças capturadas por cada jogador. O jogo consiste, basicamente, em cada jogador, na sua vez, retirar as peças de uma de suas cavas e distribuí-las, uma de cada vez, nas cavas posteriores, em sentido anti-horário, depositando também no seu *calá* e nas cavas do adversário. Vence aquele que, ao final, conseguiu depositar mais peças em seu *calá*.

Para esta intervenção o tabuleiro foi confeccionado pelas pesquisadoras com caixas de ovos. Os *calás* eram copinhos de plástico e as peças sementes de feijão, conforme mostra a imagem abaixo.

Figura 1 – Confeção do jogo Mancala



Fonte: as pesquisadoras (2014)

A turma era composta por vinte e cinco alunos, sendo três da comunidade quilombola. Era turma heterogênea, com diferenças de idade (nove a onze anos), alunos vindos de diversos locais, como assentamentos, área rural e um aluno vive num orfanato da região. Somente um aluno não quis participar da atividade.

Inicialmente, foi apresentado o jogo às crianças, organizadas as duplas, distribuído os materiais e ensinadas as regras (explicação oral e apresentação de um vídeo ilustrativo). Em seguida, os alunos iniciaram a prática do jogo, com a supervisão das pesquisadoras e da professora da turma.

A professora que estava presente ministrava disciplinas especiais (Artes, Educação Física e Valores). Foi a que mais demonstrou empolgação com a atividade, disse que já conhecia o jogo, porém acreditava ser complexo, que não pudesse ser ensinado para os seus alunos.

Pesquisa realizada por Lima e Lima (2003) aponta que os professores, em geral, alegam não possuir suporte teórico e prático para o emprego do jogo na escola, seja na formação inicial ou continuada. Os docentes afirmam que as escolas, em geral, não dispõem de material, espaço e tempo para inserção do jogo como recurso pedagógico.

Ao final da prática do jogo formou-se uma roda de conversa sobre o jogo. Somente um aluno disse conhecer o jogo. Todos afirmaram que o jogo possui regras e disseram algumas delas. Disseram que o jogo não pode ser jogado sozinho e não se pode trapacear. Durante toda a prática um menino se mostrou o porta-voz da turma, participando de praticamente todas as respostas. Os três alunos da comunidade disseram não conhecer o jogo e pouco se manifestaram durante a atividade.

Este silenciamento dos alunos quilombolas marca as relações étnico-raciais na sala de aula. Segundo Silva (2007), as relações étnico-raciais assinalam a diversidade como marca da vida social. Diversidade que deveria se realizar em convivência harmoniosa e, que, contudo, inúmeras provas em contrário a esta harmonia se encontram na sociedade e suas instituições, como a escola.

Ao perguntarmos de onde vem o jogo Mancala, alguns disseram do Brasil, da Alemanha, China e França. Somente a professora disse ser da África. Comentamos que o jogo veio do Egito e os alunos lembraram as

pirâmides egípcias. Ao final todos os alunos disseram ter gostado de jogar e pediram que voltássemos mais vezes com a prática desse jogo.

Dessa forma, o jogo pode ser um instrumento de trabalho com a cultura africana e afro-brasileira na escola. Pereira et al (2009), ao estudar e aplicar jogos africanos e afro-brasileiros para crianças de um projeto municipal de recreação, verificou que as vivências foram de extrema importância para a afirmação, compreensão e respeito de diferentes culturas e identidades. Citou, ainda, o desconhecimento por parte das crianças, sobre os conteúdos de cultura e história afrodescendente.

Bento (2012) estudou a prática social de jogos de origem ou descendência africana. Constataram que o jogo proporcionou a construção dos processos educativos relacionados à valorização, conhecimento e reconhecimento da cultura africana e afro-brasileira, estimulando os(as) envolvidos(as) apresentarem os seus saberes, suas descobertas, suas indagações e curiosidades.

### **Considerações finais**

A pesquisa tinha por objetivo investigar o conhecimento da cultura africana e afro-brasileira por parte de crianças quilombolas com o uso de jogos africanos e afro-brasileiros. O jogo escolhido para a análise foi o jogo Mancala, um dos mais conhecidos da cultura africana.

A pretensão foi verificar de que forma o jogo pode contribuir para o trabalho com a cultura no ambiente escolar. Pressupunha-se de que as crianças desconheciam o jogo Mancala e de que os jogos são estratégias de aquisição de conhecimento sobre a cultura.

Verificou-se que a turma era heterogênea e que a professora se mostrou participativa. Os alunos desconheciam o jogo (somente um aluno conhecia) e compreenderam suas regras. Nenhum dos alunos sabia que era um jogo africano, porém ao falar sobre a África disseram algumas características do continente.

Assim, conclui-se que os alunos possuem um conhecimento limitado sobre a cultura africana e afro-brasileira e que os jogos podem ser estratégias para o trabalho com essa temática. Estão previstas, ainda, a prática com outros

jogos africanos na referida escola. Ao final das práticas espera-se enriquecer as vivências intelectuais, motoras, sociais e culturais destas crianças.

Conhecer as manifestações da cultura africana e afro-brasileira pode levar esses indivíduos a conhecer a pluralidade que compõe a sociedade. Pode contribuir para o rompimento de preconceitos herdados dos antepassados, para a formação de cidadãos autônomos, éticos, conscientes e comprometidos com a cultura e seus valores.

## **Referências**

BENTO, C. C. Jogos de origem ou descendência indígena e africana na Educação Física escolar: educação para e nas relações étnico-raciais. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília: MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CIVITA, V. (org). Os melhores jogos do mundo. São Paulo: Editora Abril, 1978.

DELVAL, J. Introdução ao método clínico: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HUIZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.



LIMA, J. M. de; LIMA, M. R. C. de. A importância do jogo na perspectiva das inteligências múltiplas. Nuances: estudos sobre educação – ano IX, v. 09, nºs 9/10, 2003.

MARANHÃO, F. Jogos africanos e afro-brasileiros nas aulas de Educação física: processos educativos das relações étnico-raciais. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Departamento de Educação Básica. Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Educação Física. Curitiba-PR: SEED, 2008.

PEREIRA, A. A.; GONÇALVES JUNIOR, L.; SILVA, P. B. G. e. Jogos africanos e afro-brasileiros no contexto das aulas de educação física. In: XII Congresso da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC): diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder, 2009, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2009.

RAMOS, R. Resgate da identidade étnico racial através de jogos e brincadeiras tradicionais: uma proposta de formação continuada para professores do ensino fundamental. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: diversidades de (des)igualdades. Universidade Federal da Bahia, 07 a 10 de agosto de 2011. Anais. Ondina-BA, 2011.

SILVA, P. B. G. e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 489-506, set/dez, 2007.

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação  
[vero\\_edf@hotmail.com](mailto:vero_edf@hotmail.com)  
[clbvestena@gmail.com](mailto:clbvestena@gmail.com)

Linha 3- Fundamentos históricos, filosóficos e culturais da educação na  
Educação Física.